

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 2015

Data: 17/12/88

Pg.: _____

Funai vai discutir situação dos índios não contactados

Viabilizar soluções práticas para que os índios não contactados em áreas próximas à estrada de ferro do Projeto Carajás, que passa por alguns municípios do Pará e do Maranhão, onde 54 siderúrgicas serão implantadas — não sejam afetados e até dizimados pelos impactos dos projetos, é o objetivo da reunião que a Assessoria para Índios Isolados da 4ª Superintendência Executiva Regional da Funai (sediada em Belém e com jurisdição sobre os Estados do Pará, Amapá e Maranhão) promoverá nos próximos dias 20 e 21 do corrente, no município de Santa Inês, no Maranhão.

Além do superintendente Salomão Santos e do seretanista Fiorello Parise, assessor para índios isolados, ambos da 4ª Suer, participarão da reunião técnicos da Funai de Brasília e das administrações regionais do órgão no Maranhão — São Luís, Imperatriz e Barra do Corda —, representantes da CVRD, Seplan, Eletronorte, Mirad (MA), Iterma, IBDF (Brasília), Cimi; lideranças indígenas e o consultor do Banco Mundial, Daniel Gross.

“Nós precisamos tomar uma posição urgente, pois algumas áreas ainda não demarcadas estão sendo devastadas num ritmo assustador, como é o caso da área habitada pelos índios Awa-Guajá, no Maranhão”, adverte Fiorello Parise. A maior preocupação de Fiorello é o fato do convênio Funai/CVRD — que custeia o Programa de Índios Isolados da 4ª Suer, nos municípios de Marabá e Altamira, no Pará, e de Santa Inês, no Maranhão — expirar no final deste ano e, tanto os índios isolados quanto os já contactados não estarem preparados para o contato com a nova realidade, que virá com a implantação das siderúrgicas.

A demarcação das áreas indígenas que sofrerão o impacto do projeto, segundo Fiorello, “é o primeiro passo que podemos dar, para evitar que os índios isolados tenham um primeiro contato desastroso com os brancos”. Para Fiorello, “outras medidas práticas precisam ser tomadas de forma conjunta, pois a questão não envolve só a Funai”, diz.

Além da implantação das siderúrgicas que, segundo Fiorello, vai mudar radicalmente o modo de vida dos índios já contactados, que vivem às proximidades da ferrovia, existe o problema dos que ainda não foram localizados. “Nós precisamos saber as áreas de perambulação desses índios, para que possamos iniciar o processo de demarcação de suas terras, mas o que está ocorrendo, é que muitas áreas estão sendo invadidas e devastadas com muita rapidez, daí a importância de buscarmos uma solução conjunta com os órgãos ligados à questão”, afirma.